

# OCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semestre	Trim.	N.º	4.º ANNO — VOLUME IV — N.º 107	REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3\$800	1\$900	6950	8120	11 DE DEZEMBRO 1881	Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa. É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim José Alves, rua Sete de Setembro, n.º 83.
Posseões ultramarinas, (idem).....	4\$000	2\$000	-5-	-5-		
Estrangeiro (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	-5-	-5-		
Brazil (moeda fraca).....	15\$000	7\$500	-5-	-5-		

## AVISO

Com este numero do OCCIDENTE é distribuido, gratis a todos os actuaes srs. assignantes e correspondentes, um supplemento — OTHELLO E DESDEMONA, quadro premiado de Muñoz de Grain, offerecido á Real Academia de Bellas-Artes de Lisboa pelo sr. visconde de Franco.

Tambem tem direito a este supplemento e aos mais publicados n'este anno, todas as pessoas que se subscreverem assignantes por um anno.

Para os srs. compradores avulso o preço do supplemento é de 400 réis e com o jornal 500 réis — o jornal só 120 réis.

## SUMMARIO

**TEXTO.** — Chronica Occidental, GERVASIO LOBATO — As nossas gravuras — O nosso supplemento, Othello e Desdemona, RANGEL DE LIMA — Exposição nacional de Milão, R. — Tenda-barraca annexa ao Hospital Estephania, XAVIER DA CUNHA — Sapatos de Defuncto, LEITE BASTOS — Publicações.

**GRAVURAS.** — Brazil, Cataracta Paulo Affonso, no Rio S. Francisco — Inauguração dos Albergues Nocturnos de Lisboa, Membros da Direcção: S. M. El-Rei D. Luiz I, Francisco A. Mendes Monteiro, Dr. Luiz Jardim, José Pereira Soares, Polycarpo José Lopes dos Anjos, Visconde de Rio Vez, João Alfredo Dias, José da Costa Pedreira — O contra-almirante Castano Maria Batalha — Vista geral do Palacio da Exposição Continental Sul-Americana em Buenos-Ayres —

O capitão Augusto Antonio Soares Martins — Boi de raça Arouqueza (S. Pedro do Sul) — Enigma. — Supplemento — Othello e Desdemona, quadro premiado de Muñoz Degrain, offerecido á Academia Real de Bellas Artes de Lisboa, pelo sr. visconde de Franco.

## CHRONICA OCCIDENTAL

Correram ha dias em Lisboa boatos sinistros. Na rua d'Entré-Muros morreu um homem de uma febre qualquer, e, não sabemos como nem porquê, entre a gente do sitio espalhou-se que essa febre era a terrivel febre amarella, que todos os annos nos visita, em boatos, graças a Deus.

Este anno, porém, o boato veio mais tarde. Costumam apparecer ordinariamente pelos me-



BRAZIL — CATARACTA PAULO AFFONSO NO RIO S. FRANCISCO (Segundo photographia)

zes de verão, ali pela canicula, ou o mais tardar, pelo tempo dos banhos.

Este verão faltou; mas agora cá veio, para não desmanchar a tradição.

Como se o caso apenas d'Entre-Muros não bastasse para dar corpo ao boato, d'ali a poucos dias morreu no campo das Cebolas outro individuo, de uma febre de caracter maligno.

Então o panico que até ali não passara do Rato para cá, espalhou-se pela cidade; as conversas dos visinhos transformaram-se em noticia de Lisboa, e chegaram até aos jornaes.

A população já habituada a estas noticias, como está habiçada ás cerejas do S. João e ás castanhas do S. Martinho, não se admira muito com ellas. Entretanto, como as condições hygienicas da nossa boa cidade, de dia para dia aggravadas, tornam de uma verosimilhança assustadora todos estes boatos, nunca se sabe bem até que ponto elles são creados pela phantasia ociosa do lisboeta, ou pela canalisação insalubre da capital, e parece-nos que seria conveniente que as estações officiaes e competentes informassem directamente e terminantemente o publico a este respeito.

De um dos casos, do do campo das Cebolas, já officiosamente constou que os medicos que trataram o doente, affirmaram não ser a febre que o matou de caracter epidemico.

Do caso da rua d'Entre-Muros, caso que não garantimos, mas em que ouvimos fallar com insistencia, ainda não ha official ou officiosamente informação alguma publica.

Não queremos, por forma nenhuma, soprar estes boatos aterradores; e pelo contrario, queremos acreditar que elles são completamente destituídos de fundamento; fallámos d'elles, porque são tão serios, que mesmo como boatos tomam o passo a todas as outras noticias, por que urge que se tranquillise quem por ventura se assustasse com elles, e porque é necessario, que de uma vez para sempre, se trate a serio dos melhoramentos materiaes que a hygiene publica reclama imperiosamente, e que os governos e as camaras municipaes se lembrem de que, acima das tricas eleitoraes e das luctas da desgraçada politica militante, ha uma coisa que lhes deve merecer alguma attenção — a vida dos seus governados.

— Occupa ha muito tempo as attensões do mundo dos bastidores e as columnas dos noticiarios, a noticia de uma carta escripta por Alexandre Dumas filho, á empresa de D. Maria agradecendo e felicitando o traductor da *Princesa de Bagdad* e os seus interpretes, pelo successo alcançado pela sua peça.

O apparecimento d'essa carta, que marca uma novidade, que no fim de contas se explica bem, nas relações dos theatros de Lisboa, com os auctores dramaticos de Paris, fez sensação, e a sua authenticidade foi posta em duvida com razões senão verdadeiras — porque está hoje provado que a carta é authentica — pelo menos muito logicas.

A novidade do caso explica-se perfeitamente. Até hoje Sardou, Dumas, Augier, Labiche, Meilhac, Halevy, Gondinet, Pailleron, e todos os auctores francezes, nunca souberam que as suas peças eram representadas em Portugal, agradavam ou desagradavam, davam rios de dinheiro ás empresas, ou punham-n'as a regimen de *perdis*.

As noticias dos nossos successos ou dos nossos fiascos theatraes não transpunham a fronteira de Badajoz quanto mais a linha dos Pyreneus e á sombra d'esta obscuridade, os theatros de Portugal não tinham cartas dos dramaturgos francezes, nem a dar-lhes parabens, nem a pedir-lhes dinheiro.

Agora felizmente, um cavalheiro francez, muito illustrado, que reside em Lisboa, começou a mandar para o *Gaulois* de Paris umas correspondencias de Portugal muito bem feitas e muito bem escriptas, e pela primeira vez desde que nos entendemos, a vida portugueza começa a revelar-se aos leitores dos jornaes de Paris que até hoje só sabiam que existia Portugal pelos telegrammas que de tres em tres mezes annunciavam queda do ministerio:

«saiu o sr. Burros Comes, entrou o sr. Batorra», etc., etc.

Pela primeira vez portanto um jornal de Paris deu noticia que em Lisboa ha theatros, e que n'um d'esses theatros se representa e representa muito bem a peça em tres actos *Princesa de Bagdad*.

Compreende-se pois que Dumas ao ler pela primeira vez, n'um jornal da sua terra, que a peça que tão mal acolhida fôra na *Comédie Française*, tão mal que lhe arrancára ao seu mau humor e ao seu despeito a declaração de que nunca mais escreveria para o theatro, alcançára um grande successo no primeiro theatro de Portugal, ficasse impressionado com essa noticia e escrevesse ao traductor e aos interpretes d'essa peça, que em Paris, cortára, violentamente a serie dos seus successos ruidosos.

Ha em todos os artistas um espirito de reacção contra as opiniões da critica, e é esse espirito que explica a predilecção de todos elles pelas suas obras que a critica condemna.

Alexandre Dumas ignora completamente o grande exito que tiveram em Lisboa a *Dama das Camélias*, o *Demi-monde*, e ultimamente a *Estrangeira*, não fallando já do agrado com que foram ouvidos o *Pae prodigo*, a *Princesa Jorge*, o *Senhor Affonso*, e as *Idéas da sr.<sup>a</sup> Aubray*, ignora que o successo de qualquer d'estas peças foi muito superior ao successo litterario da *Princesa de Bagdad*, que deveu a sua voga ao desempenho notavel de Virginia, desempenho que foi uma revelação, e portanto Alexandre Dumas, só viu na noticia do successo da *Princesa de Bagdad*, a glorificação da peça que em Paris caíra violentamente diante do publico da *première* e da critica theatral.

E isso resalta da unica phrase notavel que ha n'essa carta:

«L'étranger est, pour nous autres français, comme une posterité contemporaine, qui juge en dehors de toutes les influences particulieres et locales.»

Mas essa phrase que nos dava a explicação da carta, dava ao mesmo tempo um argumento forte contra a sua authenticidade.

Dumas pae, escrevera n'um dos seus livros, *Le Veloce*: «L'étranger c'est la posterité» e não era crível que seu filho dêsse como sua uma phrase consagrada de seu pae, e que ao escrevel-a o nome do auctor dos *Mosqueteiros*, e dos *seus dias* lhe não caísse dos bicos da penna cercado dos adjectivos entusiasticos, com que o auctor da *Estrangeira* como critico, como artista, e como filho, tem e deve ter sempre para o velho Dumas.

Além d'isso a carta demasiadamente laconica e simples estava em completo desacordo com o estylo de Dumas filho sempre cheio de syntheses brilhantes e constellado de ousadas theorias paradoxaes.

Tudo isto fez nascer duvidas contra a authenticidade da carta.

Alguns amigos do sr. Mendes Leal, nosso ministro em Paris, escreveram-lhe pedindo-lhe particularmente que averiguasse se a carta era ou não do grande escriptor francez. O sr. Mendes Leal, apesar de diplomata, não usou da sua diplomacia n'este negocio, e perguntou francamente a Dumas filho se a carta era d'elle, do que resultou Dumas filho responder que era, mas muito admirado, ao mesmo tempo, e com toda a razão, d'essa carta ter levantado grandes discussões na imprensa portugueza e ter sido declarada falsa.

Essa resposta portanto obrigou um dos homens de letras mais illustres do nosso paiz, o sr. Pinheiro Chagas, a escrever uma excellent carta a Dumas filho, explicando-lhe o motivo da duvida sobre a authenticidade da sua carta, duvida, que não explicada, daria do nosso paiz a mais deploravel idéa ao auctor da *Princesa de Bagdad*.

Eis aqui contada rapidamente a historia da carta de Dumas, que se tornou um acontecimento em Lisboa, e que verdadeira como é ou falsa, como se suppunha, não acrescentava nem diminuía nada ao successo da *Princesa de Bagdad* porque para saber que a traducção estava bem feita, e que o sr. Moura Cabral é um es-

criptor brilhante, para saber que Virginia tinha feito uma creação deliciosa da *Lionnette* e é uma grande actriz não era preciso que o dissesse Alexandre Dumas filho, que nunca viu representar Virginia, nem leu os escriptos do sr. Moura Cabral, o que nos dá sobre o auctor da *Demi Vonde*, uma grande superioridade para os poder apreciar, julgar e applaudir.

— O theatro de S. Carlos deu a semana passada uma opera, sem a Donadio: — a *Hebréa* e o resultado foi o que previamos na nossa ultima chronica, um fiasco perfeitamente caracterizado.

A empresa ha de acabar por se convencer que é inteiramente impossivel continuar a epocha lyrica sem reforçar a companhia com novas cantoras.

E parece que já se vae convencendo, primeiro, trazendo a Donadio e agora escripturando a Mariani, segundo consta.

E já veem que apesar de não haver cantoras, ellas vão apparecendo.

Se o publico não tivesse protestado contra o *Fausto*, a *Africana*, o *Roberto* e o *Travador*, não teria ouvido a Donadio. Se não tivesse protestado contra o sr. Sanctis, não teria ouvido o sr. Deliliers, e não teria agora o sr. Fancelli, o que no fim de tudo não nos parece grande aquisição, porque faz *double emploi* com o sr. Bulterini.

Perguntam-nos os amigos da empresa, — Quem se hade escripturar?

Nós sabemos lá! Não temos nada com isso; não somos empregarios do theatro lyrico. Se fossemos, haviamos de saber-o, que era a nossa obrigação, e se não o conseguissemos saber deixariamos o logar a quem soubesse.

Mas parece que a empresa de S. Carlos já vae sabendo. A Donadio; agora a Mariani.

Procure! Procure!

GERVASIO LOBATO.

## ALBERGUES NOCTURNOS

MEMBROS DA DIRECÇÃO

Os retratos da nossa estampa, a pag. 273, pertencem aos cidadãos que organizaram em Lisboa o primeiro albergue nocturno. Representam elles o concelho administrativo da sociedade beneficente, a que o rei de Portugal deu o primeiro impulso. Nesta pagina os reunimos, porque são erodores da benemerencia publica, e porque os acontecimentos passam tão rapidos que depressa se afundariam no esquecimento, se lhes não acudissem as revistas illustradas.

Historiemos a estampa.

No mez passado caiu o ministerio, no mesmo dia quando uma sociedade beneficente creava um estabelecimento piedoso. Apoiaram uns a queda do governo, outros passaram indifferentes ao lado de seu esquite mortuario, larva onde já existia a borboleta: não houve saudades, nem grandes alegrias. Ao passo que a mudança de ministros não deixava impressão, o estabelecimento de caridade attrahia escolhida concorrencia, inspirando innumeras sympathias. A inauguração dos albergues nocturnos foi para muitos o principal acontecimento do mez passado. Para nós tambem.

Em verdade, nós que desenhamos n'estas paginas o vulto dos heroes e a paisagem solitaria; os successos tragicos da politica e as tragedias dramaticas das cidades; que escrevemos dos principes, dos actores, dos poetas, de todas as celebridades, mesmo das celebridades do mal, não era muito que dêssemos uma pagina a esses benemeritos, que honram a sua epocha, praticando com abnegação a caridade, a maior virtude das sociedades modernas.

O primeiro é EL-REI D. LUÍZ. — Hoje fundador e presidente da benemerita associação, que creou em Lisboa os albergues nocturnos, tem sido, desde que occupa o throno portuguez, o ministro, sem pasta, da beneficencia publica. De indole magnanima e piedosa, é seu constante cuidado a felicidade dos cidadãos; e, ora o vemos, obreiro intelligente, fundando escolas, ora visitando e provendo os hospitaes. O exemplo d'um rei é sempre efficaç, porque vem de cima; e por isso, quando o primeiro funcionario do paiz inaugura qualquer associação de caridade, vê-se logo cercado de cidadãos prestantes, que se dão pressa em secundar-lhe os bons desejos.

Fallemos d'estes.

FRANCISCO AUGUSTO MENDES MONTEIRO. — É o decano e presidente da direcção dos albergues nocturnos. Possuidor de avultada fortuna, adquirida no commercio do Brazil, alli ex-rece, por vezes, logares administrativos em estabelecimentos de caridade. Thesoureiro de uma das mais vastas associações de beneficencia da America — a santa casa da misericórdia do Rio de Janeiro, concorreu igualmente para a fundação do asylo de Santa Izabel, que tão grande

auxílio tem prestado á indigência. E, não julgando ter asaz agradecido á nova pátria, em que grangeou os seus cabedais, por vezes auxiliou o governo brasileiro em questões políticas de interesse para a honra do imperio, como na questão *Cristie* com a Inglaterra; e na guerra contra o Paraguay. Foi vogal da commissão portugueza, que mandou fazer bustos de mármore para perpetuar a memoria dos inclytos generaes, que mais se distinguiram na campanha terrivel, que deixou na historia do Brazil um largo traço de sangue e de luz; sangue de tantos martyres da independência e da integridade da patria; e luz do heroísmo de tantos valentes, patriotas e varões prestantes, que fizeram os maiores sacrificios, uns pela nação que lhes tinha sido berço, outros pela terra hospitaleira, quasi irmã, que os tinha recebido affectuosamente. Francisco Augusto Mendes Monteiro, com aquelle amor profundo que sentem todos os portuguezes pelo ninho seu paterno, fez a restauração da igreja matriz da sua terra natal; e auxiliou a escola d'instrução primaria, que nem ao menos tinha livros para o ensino elementar, como desgraçadamente acontece em quasi todas as nossas escolas rúreas.

DR. LUIZ JARDIM. — E' o secretario da direcção dos Albergues Nocturnos, e elaborou o seu projecto de estatutos, que discutiu em duas sessões da sociedade, presididas por el-rei.

A' sua grande actividade deve-se, sem duvida, a execução rapida da generosa idéa do monarcha, realisando-se a inauguração do primeiro albergue nocturno de Lisboa, com a ordem que tivemos occasião de observar.

E' boa, elevada e grande a missão do humanitario, do philantropo que procura minorar as misérias sociaes, mas o dr. Jardim não se recommenda tão somente á consideração dos seus conterraneos pelas sublimidades de um coração generoso e cheio de affectos para os que soffrem. O dr. Jardim é obreiro infatigavel do bem e do progresso e desde a Universidade de Coimbra, onde aos 25 annos era já lente da faculdade de direito, até hoje, em que o encontramos cheio de vida e de enthusiasmo pelo trabalho, o seu rastro é brilhante e fecundo, porque o dr. Jardim tem sido um dos mais strenuos propugnadores da instrução publica.

No rapido esboço de um simples perfil não cabe o avaliar de espaço os meritos do juriscoconsulto; do politico que no parlamento levanta a sua voz em prol da instrução do seu paiz; do capitalista que reparte a sua actividade na direcção de varios estabelecimentos de credito; e finalmente do philantropo que acode sempre com a sua bolsa aos gemidos da miséria; por isso reunimo-nos ao campo de que podemos dispor, concluiremos por enumerar alguns dos seus trabalhos já publicados.

Theses de Direito — Estudos sobre a organização judicial — As magistraturas populares. Os juizes ordinarios, o jury; — A liberdade testamentaria (Do regimen das successões); — As alfândegas e o sistema economico de Portugal. (Averiguações historicas do seculo XII ao seculo XVIII); — A instrução primaria no municipio de Lisboa; — Projecto de lei sobre a instrução primaria; — Projecto de regulamenta das escolas normaes.

JOSÉ PEREIRA SOARES. — É o thesoureiro da direcção dos albergues nocturnos. Como quasi todos os seus collegas n'esta obra de caridade, é um d'esses filhos prodigos, no inverso da parábola do evangelho, que trocaram a casa paterna, no alvorecer da mocidade, não pelos frivolos prazeres da vida, mas, ao contrario, pelo trabalho em paiz longinquo, em terra estranha, tressuando a melhor seiva da sua virilidade, que depois veio a converter-se em chuva d'ouro, enriquecendo e fertilizando a terra da sua patria.

José Pereira Soares residiu por muitos annos no Brazil, empregando na carreira commercial, a que se devotou, os muitos recursos da sua intelligencia e da sua inquebrantavel força de vontade. Durante esse periodo prestou sempre, não só á sua patria, como tambem ao paiz onde residia, todos os serviços compatíveis com a sua posição social.

No Rio de Janeiro desempenhou o lugar de membro representante do commercio portuguez, para que fôr eleito unanimemente, e ali serviu alguns annos, como secretario da Associação Commercial. Concorreu tambem na sede do Imperio, quanto lhe foi possível, em favor da instrução publica, serviço que lhe foi reconhecido pelo Imperador do Brazil. Eleito membro da associação protectora dos invalides da patria, creada pela occasião da guerra contra o Paraguay, n'ella desempenhou o lugar de thesoureiro, cargo honroso que exerceu até ao seu regresso a Portugal. Pelos serviços prestados durante o largo periodo da sua gerencia, duas vezes foi agraciado pelo Imperador. Occupou o lugar de membro da commissão consultiva no consulado portuguez do Rio de Janeiro. Serviu na sociedade portugueza de beneficência, e concorreu com diferentes donativos para a sua sustentação e patrimonio; o que lhe mereceu o diploma de benemerito, e o agradecimento, que lhe fez S. M. El-rei D. Luiz, por uma portaria de agosto de 1866. Offertou tres contos de réis á humanitaria associação — *Caixa de Soccorros de D. Pedro V*; pelo que lhe foi concedido igualmente o diploma de socio benemerito. Exerceu, por mais de uma vez, o lugar de director do *Gabinete Portuguez de Leitura*; e, quando em 1866 tomou posse d'esse honroso cargo, para que fôr eleito, ajudado pelos seus collegas da direcção e do conselho, ergueu aquelle util instituto do estado de abatimento, em que jazia, como se vê dos relatorios, que apresentou em 1867 e 1868. Por occasião da secca, que reduziu a estado de miséria deploravel os infelizes povos do Cabo Verde foi um dos electos para a commissão, que promoveu promptos e valiosos socorros, os quaes, enviados immediatamente do Rio de Janeiro, accudiram á fome e á penuria d'aquella nossa colonia.

Por essa occasião S. M. El-Rei galardoou os seus humanitarios sentimentos, conferindo-lhe espontaneamente a commenda de Christo. Finalmente sempre concorreu com a melhor vontade para todos os actos de beneficência, tanto no seu paiz, como no Brazil, sem a minima ostentação vaidosa, e unicamente pelo prazer intimo, que sente em praticar o bem.

POLYCARPO JOSÉ LOPES DOS ANJOS. — Foi um dos negociantes mais honrados e sérios da praça de Lisboa, onde exerceu o commercio por espaço de 45 annos. E' hoje um abastado capitalista e proprietario. Em tempos difficéis desempenhou dignamente o lugar de vereador do municipio da capital, bem como o de membro do concelho de districto. Nomeado provedor do asylo de N. S. da Conceição, para raparigas abandonadas, exerceu este cargo de um modo superior a todo o elogio. Nas inundações, que assolaram o sul do paiz em 1875, foi eleito vogal thesoureiro da commissão encarregada de solicitar socorros; e houve-se n'este trabalho encargo como homem de coração, não se poupando ás maiores fadigas e sacrificios para o bom desempenho dos intuitos piedosos da sociedade dos *Soccorros aos inundados*. Por este e outros muitos serviços publicos foi agraciado por S. M. El-Rei D. Luiz I com o Fôro de Fidalgo Cavalleiro da Real Casa, e com as commendas das ordens militares de N. S. J. Christo, e de N. S. da Conceição de Villa Vicosa, dizendo a carta regia o seguinte: — que querendo dar a Polycarpo José Lopes dos Anjos, fidalgo Cavalleiro, e commendador da ordem militar de Nosso Senhor Jesus Christo, um novo testemunho da minha Real Consideração e do apreço em que tenho os merecimentos e qualidades que concorrem na sua pessoa, e os bons serviços que prestára na qualidade de provedor, que foi do Asylo de Nossa Senhora da Conceição para raparigas abandonadas, e não menos as valiosas provas da sua exemplar caridade, e os donativos com que tem contribuido para beneficio do mesmo Asylo, hei por bem etc.

Foi tambem agraciado por Sua Magestade Catholica com a commenda de Carlos III.

É visitador da Congregação de caridade da freguezia de S. Mamede, e ultimamente foi eleito vogal effectivo dos Albergues Nocturnos, que muito lhe devem.

JOÃO ALFREDO DIAS. — Poucos apontamentos biographicos temos d'este cidadão prestantissimo, que é um dos mais conspiciosos membros da classe commercial de Lisboa, á qual tem prestado relevantes serviços. Já na discussão dos seus mais vitales interesses em reuniões onde a sua palavra auctorizada é sempre ouvida com deferencia, já na fundação da Associação dos Empregados do Commercio, que tem produzido os melhores resultados praticos.

Limitar nos-hemos portanto a collocar na pleiade dos benemeritos, visto que espontaneamente trabalhou para uma das obras mais sympathicas do nosso tempo, contribuindo com efficacia para a sua prompta realisação.

JOSÉ DA COSTA PEREIRA. — Nasceu na freguezia de Santa Marinha de Novagilde, no archiepiscopado de Braga, em 27 de setembro de 1839.

Embarcou para a Africa em 21 de dezembro de 1857, occupando-se em S. Thomé na agricultura e no commercio até ao anno de 1876.

E' hoje o unico representante da importantissima casa *Pedreira*, fundada em S. Thomé em 1843 por seu irmão Manuel José da Costa Pedreira, já fallecido.

De qualidades altamente philantropicas, exerce actualmente o lugar de fiscal da Congregação de Caridade da freguezia de S. Mamede, á qual tem prestado relevantes serviços.

Abracou enthusiasmicamente a idéa da fundação dos Albergues Nocturnos de Lisboa, e pôde considerar-se um dos membros mais conspiciosos da sua direcção.

BOAVENTURA GONCALVES ROQUE, VISCONDE DO RIO-VEZ. — Partiu em 1842 para o Rio de Janeiro, e delicia-se desde logo á vida commercial, não se esquecendo nunca da sua patria.

Em 1863 fez parte da commissão, que se organizou na capital do imperio, para socorrer as victimas da secca da provincia do Cabo Verde, prestando por essa occasião os melhores serviços em prol da idéa humanitaria e patriótica, que reunia um punhado de portuguezes de coração generoso para accudirem a milhares de infelizes que luctavam com os horrores da fome.

Em 1870 foi nomeado membro da commissão consultiva adjunta ao consulado portuguez no Rio de Janeiro, desempenhando-se dignamente das suas funcções durante o espaço de tres annos.

É socio benemerito do gabinete Portuguez de Leitura, da Sociedade de Beneficência Portugueza, e da Caixa de Soccorros de D. Pedro V.

Foi um dos installadores da secção da sociedade geographica de Lisboa no Rio de Janeiro.

Tem feito parte de diversas commissões de caridade, e concorreu para a grande subscrição que se promoveu na capital do Imperio do Brazil a favor dos inundados.

A patriótica commissão central, 1.º de Dezembro de 1860, deve-lhe assignalados serviços.

Na terra da sua naturalidade fundou uma escola de instrução primaria, que pôde considerar-se uma escola modelo, e tem contribuido para todos os melhoramentos publicos da sua terra natal.

É condecorado por S. M. El-Rei D. Luiz I com a commenda da Ordem de Christo, e por S. M. o imperador do Brazil com a commenda da ordem da Rosa.

Os Albergues Nocturnos de Lisboa tem a esperar muito da sua cooperação generosa, e da sua vontade sempre efficaz na pratica do bem.

## O CONTRA-ALMIRANTE CAETANO MARIA BATALHA

A difficuldade que tivemos de obter o retrato d'esto notavel official da marinha portugueza, fez com que só agora podessemos dar conta da sua irreparavel perda aos nossos leitores.

Caetano Maria Batalha, nasceu em Lisboa a 11 de julho de 1810, sendo 4.º filho do negociante Joaquim Rodrigues Batalha e de D. Quitéria Maria Magiolo Batalha. Coursou as aulas do antigo collegio dos nobres, onde se distinguio, passando depois a frequentar as da academia de marinha, onde quasi sempre foi premiado. No entanto, como governava então o continente portuguez D. Miguel, logo que coustou em Lisboa a partida da expedição liberal de Belle-Isle, a 10 de fevereiro de 1832, foram encerradas as aulas e organizada uma esquadra. Batalha e os outros seus collegas foram embarcados, partindo aquelle na charrua *Princeza Real*. Depois de cruzar no mar Jos Agores, passou para a nau *D. João VI*, e nomeado guarda marinha a 30 de agosto. A 22 de dezembro passou para a nau *Tejo*, onde se conservou até julho de 1833, servindo no cruzeiro dos Agores, costas do reino e bloqueio do Porto. Promovido a 2.º tenente a 22 de fevereiro de 1833, era a 18 de julho mandado embarcar na charrua *Mãe Cardoso*. N'esse mesmo dia pôde realizar o que havia muito planeava: evadir-se ao serviço do usurpador, refugiando-se a bordo da fragata franceza *Meipomene*, surta no Tejo, onde foi encontrado doze companheiros que, como elle, se destinavam a emigrar. Tinha-se espalhado, havia tempo, a noticia de que a causa liberal estava perdida. Mas em breve outra aura sorriu. A expedição arrojada do duque da Terceira saltara no Algarve, e atravessava o paiz até Casilhas, onde debellava a divisão do celebre Telles Jordão, ao mesmo tempo que Napier destruiu e aprisionava a esquadra miguelista. Seu irmão, o sr. Joaquim Rodrigues Batalha actual commandante da torre de Belem, foi a bordo da *Meipomene* buscal-o, dando-lhe a nova feliz.

Batalha apresentou-se com os companheiros ao duque, e para começo de provação foi logo incumbido de uma missão importante e secreta, junto do general visconde de Mollélos, que campru com arrojado e prudencia. Depois do ter desempenhado varias commissões de serviço, foi por Napier encarregado do commando de uma força de cem homens e do governo da praça de Sines, onde prestou muitos e valiosos serviços; sendo sempre apreciado como official distincto e valente.

Não lhe foram garantidos os postos dados por D. Miguel, e partanto a sua praça conta-se-lhe da data da sua apresentação, 6 de agosto de 1833, sendo promovido a guarda marinha a 18 de fevereiro de 1835 e a segundo tenente effectivo a 21 de agosto, pondo-se-lhe por clausula o acabamento do curso. Frequentava já então o curso de hydrographia, leccionado por Philippe Folque, concluido o qual encetava a sua nova carreira de engenheiro hydrographo, a 2 de janeiro de 1836, sendo nomeado para a commissão dos trabalhos geodesicos do reino.

Os trabalhos da triangulação do reino, começados em 1790 pelo dr. Ciera, de pouco aproveitaram, por se haverem perdido a maior parte dos registos das suas observações. Não podemos entrar nas minudencias acerca da transformação e modificações que soffreu a commissão geodesica, e os diversos logares que n'ella exerceu Caetano Maria Batalha.

Faremos resenha dos trabalhos mais importantes. Em collaboração com o, hoje contra-almirante, sr. Pereira da Silva mediu de novo a base Bate-Montijo entre a ponta do Montijo e as proximidades de Alcochete, projectando-se uma nova triangulação, começaram todas as observações geodesicas dos grandes triangulos de 1.º ordem. Levantaram a planta do pinhal de Leiria, trabalho de grande perfeição. Encarregado com o mesmo sr. da retilificação do plano hydrographico do porto e barra de Lisboa, fizeram um trabalho que é ainda hoje um modelo de correcção e perfeição. Em seguida foi levantar a planta do porto de Peniche, Berlengas e canal entre ellas e cabo Carvoeiro. Depois de ter tornado a occupar-se dos trabalhos da grande geodesia, passou em 1852 a organizar os trabalhos corographicos aos quaes se deu maior desenvolvimento em 1856, dirigindo Batalha uma pleiade de officiaes de infantaria e cavallaria, moços de habilidade e pundonor, cujos trabalhos fazem honra á nação; revertendo todos em honra do chefe que os dirigia com a sua rara modestia e delicadeza, como um verdadeiro amigo.

No entanto desempenhava outras commissões de serviço, taes as observações astronomicas para a determinação dos azimuthos dos pontos de 1.º ordem como Buarcos, Bussaco e Louzã; o levantamento da planta hydrographica da barra do Douro até á ponte pensil, comprehendendo a linha de costa até Leça de Palmeira, que concluiu em principios de 1863; tendo sido antes, em 1860, com o capitão de mar e guerra Andrade Pinto incumbido de elaborar um projecto para a collocação de boias, signaes e pharoes na barra de Lisboa, trabalho de que foi relator, e em 1871 presidente de uma commissão encarregada de elaborar um plano geral de obras e melhoramentos na margem direita do Tejo desde a Torre de Belem até ao Beato. A parte mais importante d'este trabalho coube a Batalha.

Foi promovido a 1.º tenente em 7 de maio de 1845, a capitão de tenente em 6 de novembro de 1851, a capitão de fragata em 6 de junho de 1861, a capitão de mar e guerra a 31 de outubro de 1866 e a contra-almirante em 25 de outubro de 1877.

Falleceu a 21 de outubro ultimo, deixando um nome honrado, e a reputação de um official valente, intelligente, instruido, modesto e trabalhador.

Mais por extenso nos deu o nosso collega o sr. Gerardo Pery um esboço biographico do illustre official no *Diario de Portugal* de 20, 22 e 23 de novembro ultimo, do qual extractámos este resumo.



Visconde de Rio Vez  
João Alfredo Dias

Dr. Luiz Jardim

S. M. El-Rei D. Luiz I  
Francisco A. Mendes Monteiro

José Pereira Soares

Polycarpo José Lopes dos Anjos  
Jose da Costa Pedreira

INAUGURAÇÃO DOS ALBERGUES NOCTURNOS — MEMBROS DA DIRECÇÃO

Desenho de Antonio Ramalho

SUPPLEMENTO AO N.º 107 DO OCCIDENTE

11 DE DEZEMBRO DE 1881

BELLAS-ARTES



OTHELLO E DESDEMONA

QUADRO PREMIADO DE MUÑOZ DEGRAIN, OFERECIDO À ACADEMIA REAL DE BELLAS-ARTES DE LISBOA, PELO SR. VISCONDE DE FRANÇO

## O NOSSO SUPPLEMENTO

## OTHELLO E DESDEMONA

Quadro do pintor hespanhol Muñoz Degrain offerecido á Academia Real de Bellas Artes de Lisboa pelo sr. Visconde Franco.

Quando a imprensa hespanhola soube que um capitalista portuguez havia comprado o celebre quadro de Muñoz Degrain—*Othello e Desdemona*, para offerecer á nossa Academia de Bellas Artes, disse que os capitalistas seus compatriotas, não costumavam ter d'estas generosidades; que em Hespanha os individuos mais abastados compravam as obras de arte, ou para egoisticamente as encerrarem nos seus museus e galerias, ou para as venderem depois por mais elevado preço.

E partindo d'este principio, os periodicos hespanhoes fizeram merecidos elogios ao generoso banqueiro portuguez, que dotara o primeiro estabelecimento de ensino artistico do seu paiz com tão valiosa obra.

Aqui não se fez grande caso da preciosissima dadiva do sr. visconde de Franco. Não succedeu assim porque estivessemos habituados a presentes d'esta ordem, mas sim porque uns não deram o valor devido á offerta; outros, julgando por si os demais, perguntavam aos que lhe fallavam da liberalidade do sr. visconde — o que quererá elle? porque os ultimos, em summa, seguindo a moda da epoca, de desdenhar dos ricos e poderosos, houveram por melhor tratar com indiferença, ou sepultar no esquecimento, uma acção verdadeiramente bizarra, que, servindo de exemplo aos que estão

nos casos de imital-a, pode trazer proveitosos resultados ao paiz.

Eu não seguirei as idéas de nenhum dos

hediondo e terrivel como uma fera.

Salvini, o enlevo do publico mais illustrado, caracterizou logo de principio o personagem



O CONTRA-ALMIRANTE CAETANO MARIA BATALHA — Fallecido em 21 de Outubro de 1881  
(Segundo uma photographia de Fillon)

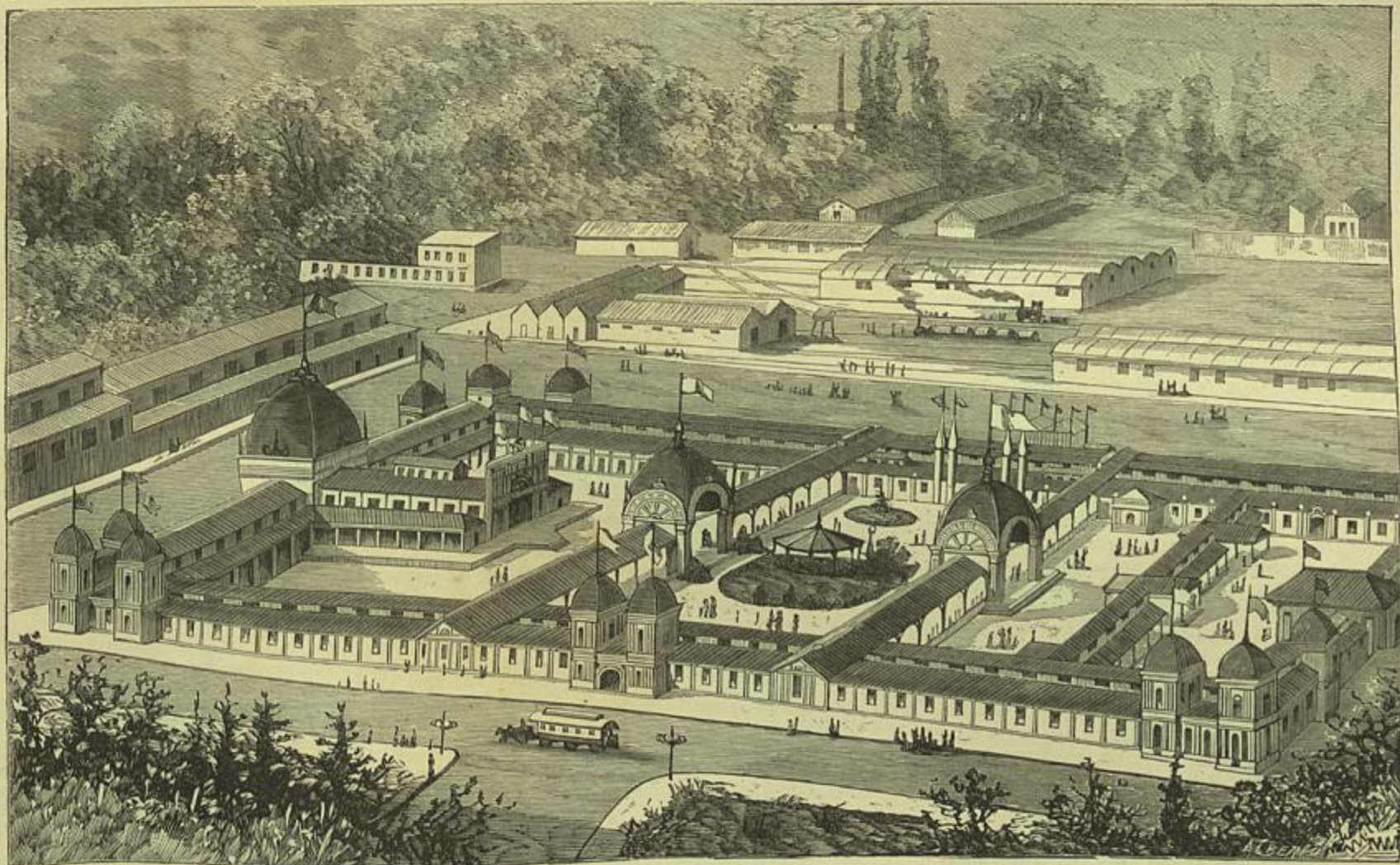
que deixo citados; registrarei o facto, com pena unicamente de não poder apregoal-o tão alto que todo o paiz me ouvisse. O meu fim era angariar imitadores da generosidade do sr. visconde de Franco, pois seria isso não só um bem para as artes portuguezas, senão tambem o maior galardão que o illustrado banqueiro poderia obter da sua acção meritoria.

O talentoso pintor hespanhol o sr. Muñoz Degrain interpretou devidamente, para a composição do seu notavel quadro, a idéa do auctor do *Mouro de Veneza*? Creio que ninguem poderá responder a esta pergunta com a consciencia segura de que diz a verdade.

Todos sabem das duvidas e discordancias que sempre tem havido na interpretação dos personagens shakspeareanos. Ainda ha pouco tempo, um critico americano pretendeu provar que Hamlet fôra uma mulher!

Sem recorrer ao que as sumidades litterarias tem escripto ácerca de Othello, lembro-me de que ha annos dois artistas notabilissimos do theatro representaram entre nós aquelle formidavel personagem de um modo bem diverso.

Rossi, o actor querido das platéas, fez de Othello um guerreiro a cujo phisico e a cujo moral não eram estranhos nem o cuidado em si proprio, nem a civilização da republica que servia com a sua espada valente. Amacion-lhe o character e alindou-lhe a phisionomia. Só quando o ciume lhe feria de morte o coração, o tornava



VISTA GERAL DO PALACIO DA EXPOSIÇÃO CONTINENTAL SUL-AMERICANA EM BUENOS-AYRES

com a rudeza do soldado sombrio e inflexível. Os seus cabellos curtos e os traços duros de suas feições davam a perceber que um homem d'aquella tempera não conquistara o amor de Desdemona procurando parecer-lhe bem, ou usando de insossas blandícias.

Ora, affigura-se-me que o sr. Muñoz Degrain seguiu um pouco o parecer de Salvini para a interpretação da figura principal do seu quadro. O Othello do pintor hespanhol é o soldado rude, cuja ferocidade e selvageria as caricias de uma creança loura e encantadora, como Desdemona, nunca poderam de todo suavisar e vencer.

Se andou bem ou se andou mal em o reproduzir por este modo, outros mais competentes do que eu o dirão. Estou, porem, certo de que se este ponto esthetico se discutisse, as opiniões haviam de forçosamente dividir-se, julgando uns que o mouro assim representado é banal e destituido da poesia de que os espiritos mais phantasticos o rodeiam; affirmando outros que, sendo Shakspeare mais realista do que muitos que hoje se inculcam como tal, a interpretação realista do seu athletico personagem não podia ser outra.

Emquanto á execução artistica, parece-me que a critica, podendo notar-lhe defeitos, deve contudo confessar que o quadro em questão é um dos trabalhos mais distinctos que se tem visto modernamente entre nós.

Na ultima exposição de bellas artes que houve em Madrid, figuravam tres paineis de grandes dimensões, que eram os primeiros d'aquelle brilhante certamen.

A *lenda do Rei Monge*, de D. José Casado; *Numancia*, de D. Alego Vera; e *Othello e Desdemona*, de D. Antonio Muñoz Degrain.

Mede este 2<sup>m</sup>,70 de alto por 3<sup>m</sup>,64 de largo. A critica hespanhola apreciou muito o vigor tragico da figura de Othello, o colorido brilhante e verdadeiro de todo o quadro, e a perfeição com que são tratados os accessorios.

Entendo que os criticos nossos visinhos andaram bem na sua apreciação. A figura de Othello, com a sua musculação de aço exagerada, é de uma força verdadeiramente dramatica. Rasgando as carnes do peito com as unhas, fita os olhos chammejantes de ciúme na que vae ser sua victima e está dormindo tranquilamente sem que em sonhos, sequer, lhe atravesse o espirito um pensamento ruim.

A figura do mouro destaca-se do quadro e indica perfeitamente o momento tragico que o artista pretendeu reproduzir.

A tinta é effectivamente brilhante como a dos pintores da escola hespanhola. É o sol claro e ardente da peninsula que dando vida á cor dos objectos, inspira aquelles artistas tornando-os tanto ou mais coloristas do que os italianos.

Os accessorios são admiravelmente executados, principalmente um contador marchetado que se vê no primeiro plano do quadro, á direita do espectador. Pode-se até dizer, que o grande acabamento d'este e de outros objectos que ornamentam a composição, desdiz um tanto da execução de parte do assumpto principal.

A figura de Desdemona não está, a meu vêr, pintada com a segurança e esmero que a sua importancia, tanto no assumpto como na composição, exigia. As roupas da cama são molles e não parecem feitas pela mesma mão que tão firmemente e com tanta sciencia da arte, concluiu outras partes do quadro. Isto, porém, não offusca por fórma alguma o superior merecimento da obra do sr. Muñoz Degrain, uma das mais valiosas, se não a mais valiosa, que figuram entre os quadros modernos da nossa Academia.

Como foi durante a illustrada gerencia do sr. Delfim Guedes que esta obra que o governo hespanhol pretendeu adquirir, e o jury da exposição premiou, deu entrada em o nosso pequeno museu de bellas artes, como é á liberalidade do sr. visconde de Franco que ella se deve, a ambos cabe a maior honra, por haverem contribuido não só para que os amadores de pintura tenham mais um excellente quadro

em a nossa Academia para lhes deleitar a vista, senão também, e principalmente, para que os estudiosos possuam mais um exemplar onde possam ver os progressos da arte moderna, e estudar a maneira franca e larga por que se pintam as grandes telas.

RANGEL DE LIMA.

## AS NOSSAS GRAVURAS

BRAZIL — CATARACTA PAULO AFFONSO  
NO RIO S. FRANCISCO

Ao nascente da provincia de Pernambuco, n'um valle denominado da Boa Vista, encontra o viajante as cataractas de Paulo Affonso do rio S. Francisco, formadas por enormes penhascos, que interceptando a corrente do rio fazem cair as suas aguas em revoltosas cachoeiras.

É um espectáculo brilhante para o observador, como tantos outros que offerece aquella potente região americana, o aspecto grandioso d'estas cataractas. O seu accesso é difficil e poucos são os viajantes que as vão vêr de perto.

O rio S. Francisco tem um curso approximado de 2,000 milhas inglezas, e as suas cataractas encontram-se a uma distancia de 200 milhas do Oceano.

A altura total d'estas cataractas daria uma elevação de 284 pés. A nossa gravura representa um dos pontos mais notaveis na margem sul do rio, e onde este mais engrossa a sua corrente.

### EXPOSIÇÃO CONTINENTAL DE BUENOS AYRES

Não é a primeira vez que a America do Sul manifesta a sua vitalidade, por uma exposição. Contudo, até hoje, esses certámenes tem tido mais o caracter particular que geral. Coube ao *Club industrial argentino* a gloria de promover, na capital d'esse prospero Estado, uma exposição continental, como já havia promovido a exposição nacional de 1877.

Parece porém, segundo temos lido em alguns jornaes, que n'esse paiz se levantou alguma opposição a tal projecto e se tratava de desvirtuar tão nobre commettimento, levantando estorvos ao complemento d'essa idéa. Não conhecemos, nem podemos conhecer os individuos e os interesses que se agitam n'aquelle paiz, mas podemos assegurar que, apesar de tudo, a idéa tomou vulto e conseguiu vingar de todos os tropeços.

Um projecto se apresentou em camaras para ser concedida uma subvenção de cincoenta mil pesos fortes para o estabelecimento da exposição, subvenção que o congresso elevou a cem mil pesos ou cerca de noventa contos de réis e mais trinta mil pesos, ou proximoamente vinte e sete contos, para estimular e ajudar a collecção e remessa á exposição de materias primas e artigos de elaboração nacional em toda a republica.

Immediatamente foi concedida a praça *Onze de Setembro* para serem n'ella assentes os estabelecimentos da exposição, e já se julga que ella não será sufficiente para conter todo o que se espera. Concedido isto, foi levantado o respectivo projecto e postas em arrematação as necessarias obras, devendo ficar concluidos os edificios no fim de novembro ultimo.

Por toda a parte os agentes consulares se pizeram em acção e não só de todos os pontos das nações americanas, mas ainda de muitas nações europeias, tem havido a necessaria acquiescencia para dar á exposição a importancia que merece.

O Brazil, como mais visinho, já poz á disposição dos seus expositores a canhoneira *Paraná* e votou cem contos de réis francos para que os seus productores e industriaes possam a ella concorrer condignamente; dizendo-se até que allí irá S. M. o Imperador D. Pedro II.

Já se tinham recebido muitas propostas para a iluminação dos edificios da exposição, sendo a commissão de opinião que se devia acceitar a dos srs. Siemens de Londres.

Tratava de se contratar uma companhia franceza para opera lyrica durante o tempo da exposição, e apresentara-se a idéa de escripturar uma companhia de zarzuela hespanhola, para variar e abrilhantar as diversões d'aquella festa da industria.

Já se sabe que um dos maiores industriaes, senão o unico, em vidro, da republica argentina prepara novos artefactos da sua industria para apresentar n'esta exposição. Ha também já uma officina photographica contratada para tirar as differentes vistas da exposição.

A abertura d'este grande certamen do trabalho deve realizar-se a 15 de fevereiro, para o que trabalha activamente o *Club industrial argentino* e a Commissão do Congresso encarregada de administrar as sommas votadas.

Para que nada falte ás pompas da abertura d'aquella festa, um grande artista argentino Miguel E. Rojas trabalhava na composição de uma marcha triumphal para ser executada n'aquelle acto.

Este notavel maestro é auctor de uma celebre marcha fúnebre dedicada á memoria do malogrado presidente Adolfo Alsina, a qual será executada, no dia da inauguração do monumento levantado á sua memoria, por todas as bandas da capital.

Assim a industria e as bellas artes se casarão n'aquelle palacio, cuja vastidão a nossa gravura de pag. 277 deixa conhecer, para fazer da exposição continental de Buenos Ayres um successo, que fará epoca nos factos da America do Sul.

### O CAPITÃO MARTINS

Assassinado no dia 26 de Novembro de 1881

O OCCIDENTE contou já largamente na sua chronica a lugubre tragedia de que na tarde de 26 de novembro

ultimo foi theatro o quartel d'infanteria 2. Um tenente, José Luiz da Rocha Freitas, assassinou cobardemente, á traição, pelas costas, com dois tiros de revolver o capitão Soares Martins, por uma questão futil, em que o assassino representava um papel vergonhoso, e indigno.

Este triste caso, revestido das circumstancias mais odiosas com que ha muito tempo um crime se apresenta em Portugal, fez profunda sensação na cidade, e levou a todos os labios o nome de Soares Martins. Acompanhando como é do seu dever, os factos salientes da vida de Portugal, o OCCIDENTE, dá hoje o retrato do desgraçado militar.

Augusto Antonio Soares Martins era filho de Gabriel Antonio Martins official de engenheiros e de D. Catharina de Senna Soares.

Nasceu em Lisboa, na freguezia da Encarnação, em 10 de novembro de 1846. Teve um irmão, o padre Claudio Martins, que morreu tambem muito novo.

Augusto Soares Martins foi alunno do collegio militar, e depois de completar esse curso frequentou a escola do exercito onde fez o curso d'infanteria.

Em 18 d'agosto de 1862 sentou praça em infanteria 10 como voluntario: em 14 de junho de 1863 foi promovido alferes graduado, em 29 de novembro de 1864 a alferes effectivo, em 15 de março de 1870 a tenente, e em 25 d'abril de 1876 a capitão. Serviu em infanteria 7 e 5 e ultimamente em infanteria 2 onde era muito estimado pelos seus collegas e superiores e muito querido pelos seus soldados, que no dia do seu assassinato choravam como creanças ao pé do seu cadaver.

E aqui tem a historia d'esse pobre rapaz, morto aos 35 annos pela arma cobarde e traiçoeira d'um seu subordinado.

Soares Martins era um robusto rapaz, alto, gordo de cara franca, e alegre, valente, delicado, um caracter honrado e leal, que tinha por toda a parte amigos sinceros e dedicados.

Ainda mesmo no caso que originou o crime do tenente Rocha Freitas, Soares Martins mostrou o seu bom coração, e o seu genio cordato e bondoso.

O tenente Freitas espancara um seu impedido por motivos indignissimos. Levado o facto ao conhecimento do coronel commandante do corpo, foi a pedido de Soares Martins que do procedimento irregular scimo do tenente Freitas se não deu parte ás instancias superiores, castigando-se apenas com uma admoestação na presença da officialidade.

E a paga que Soares Martins recebeu d'aquelle por quem pedira foi a bala traiçoeira que o matou.

Soares Martins era viuvo, tinha uns contos de réis de seu, e deixou um filho natural, que no seu testamento feito em 19 de maio de 1878, reconhece por legitimo, e a quem legou as duas terças partes dos seus bens.

## TENDA-BARRACA ANEXA AO HOSPITAL ESTEPHANIA

(Continuado do n.º 106)

### III

•Lisboa, cidade de marmore e de granito, rainha do oceano, tu és a mais formosa entre as cidades do mundo.

•A brisa que varre os teus outeiros é pura como o ceu azul que se espelha no teu amplo porto, similhante a um grande mar.

Assim se expressava em 1837 nas inspiradas paginas da *Voz do Propheta* o lyrismo de Alexandre Herculano com respeito á nossa capital.

•Jardim da Europa á beira-mar plantado  
De louros e de acacias olorosas

lhe chamou tambem out'ora, em verdejantes tempos de poesia, o auctor do *D. Jayme*, o actual ministro e secretario d'estado dos negocios da marinha e do ultramar.

E entretanto Lisboa, — que á triste condição de assentar sobre um pantano salgado reúne o desprazer de espriguiçar-se á beira do Tejo, cuja orla marginal direita, desde Xabregas até ao caneiro de Alcantara, não faz senão mimoseal-a voluptuosamente com emanções toxicas de toda a casta, que lhe atordoam fedorentas o olfacto e lhe infeccionam miasmaticas o organismo, — Lisboa de quando em quando, encarega-se de solemnemente desmentir as picturesque asserções dos poetas, e n'um impeto explosivo arremessa contra o desmazelo dos poderes publicos o seu energico protesto, significativamente symbolisado por qualquer epidemiasita mais ou menos mortifera.

No estio de 1880, os arruamentos da Lapa (e adverta-se que é esse um dos sitios, onde mais favoraveis se pronunciam as condições topographicas sob o ponto de vista hygienico), os arruamentos da Lapa entraram a dar que fazer aos clinicos, ministrando-lhes com assustadora teimosia a frequente apparição de umas febres graves, rebeldes, cujo typo remittente, complicado mais ou menos de phenomenos typhosos, mas difficilmente classificavel, terminava ás vezes por um modo fatal.

Começaram de affluir ao Hospital de S. José enfermos d'aquella localidade, affectados por tão extranho morbo. E, em falta de uma rigorosa classificação nosologica, o publico ficou designando aquelle periodo doentio pela denominação de *epidemia da Lapa*.

Justamente impressionada pelo facto, a Junta Consultiva de Saude Publica tratou de acudir sollicita e pressurosa reclamando do governo providencias com que obviasse á manifestação de consequencias mais funestas, e propondo — «que seu demora se procedesse á construcção de enfermarias segundo o systema de *Tendas-barracas*, as quaes poderiam ser levantadas, á proporção das necessidades do serviço, nos terrenos pertencentes ao Hospital-Estephania e afastadas d'elle o mais possivel.»

E outrosim recommendava a Junta — «a conveniencia de encarregar um dos facultativos do Hospital de presidir á construcção das referidas barracas, affim de n'ella

serem attendidos os preceitos hygienicos indispensaveis e as necessidades especiaes do respectivo servico.»

Acco'dou o governo uma vez do seu beatifico lethargo; e n'este sentido deixou do Ministerio do Reino um officio em 5 de agosto, dirigido á Administracão do Hospital de S. José.

Esta em officio do dia seguinte commetteno ao cirurgião extraordinario do sobredito hospital, João Ferraz de Macedo, o delicado encargo de superintender no cumprimento d'aquellas determinações governamentais.

Estava finalmente levantado o tropeço.

Estava desmanchado o encanto.

Que non outra coisa realmente parecia, senão obra de enguigo e bruxedo, a inexplicavel rebeldia que por tanto tempo durára nas altas regiões officiaes, com respeito a escutarem os sensatos conselhos da ciencia!

Ferraz de Macedo achava-se finalmente escolhido pela Administracão do Hospital como de todos o mais competente e proficiente para dirigir aqueles trabalhos, a favor dos quaes tanto havia pugnado o seu constante esforço com a perseverante diligencia e o nobre civismo de quem julga um dever sagrado pagar á sociedade o tributo da sua proveitosa cooperacão.

Num paiz escasso de recursos, como é desgraçadamente este nosso, e onde os artifices por via de regra alliam com a mais grosseira ignorancia, a mais desmedida presumpção, — pode asseverar-se que foi devéras um milagre o que Ferraz de Macedo praticou.

Por feliz acaso deparou-se-lhe um intelligente interprete e um consciencioso executor de seus planos na pessoa do architecto José Maria Nepomuceno, — bibliophilo sobremaneira estudioso e apaixonadissimo por assumptos de archeologia.

Ferraz de Macedo, — conglobando e associando quanto havia lido sobre tendas-barracas, — fecundando, rectificando, corrigindo, aperfeicoando, com o fino criterio da sua razão clara e com as innovações suggeridas pelo feliz palpito da sua propria inspiração, quanto lá fora se inculcava por mais conveniente, — planeava, ideava, riscava, dispunha.

Andava doido com a alegria de vêr affim aproveitados os proficuos corollarios do seu aturado estudo.

José Maria Nepomuceno compenetrava-se do que lhe dizia o medico, por vezes adivinhava-lhe mesmo as intenções, assimilava-lhe as idéas, traduzia-lhe os planos em obras, executava, realizava, construía.

Em 6 de novembro achava-se prompta a Tenda-barraca annexa ao Hospital-Esthepiana.

Ha mais de um anno, por consequente, que Lisboa possui este importantissimo recurso hospitalar.

A Administracão do Hospital de S. José não teve entretanto ainda uma palavra de louvor nem de agradecimento com que officialmente testemunhasse o seu reconhecimento pelo zelo que Ferraz de Macedo demonstrou, — furtando quotidianamente, durante tres mezes, horas e horas nos proventos da sua clientela, para as consumir no desempenho d'aquella missão!

Em compensação recebeu Ferraz de Macedo encarecidos encomios do professor Virchow, quando aqui veio por membro do congresso anthropologico em 1880.

Ora... verdade, verdade... os elogios de Virchow, que deslumbrantemente occupa o primeiro logar entre as summiidades da medicina contemporanea, valem com certeza

## SAPATOS DE DEFUNCTO

(Continuado do n.º 106)

### VI

Decorreram mezes, pouco mais de seis; durante esse curlo espaço de tempo, Antonio Dourado achou-se absoluto senhor do terreno, n'essa lucta de interesses egoistas e de pequeninas paixões ambiciosas.

Todavia, não lhe fôra barata nem facil a victoria.

Não lhe fôra barata, porque, os adiantamentos para a demanda de D. Monica, subiam já á somma de seiscentos mil reis, e a cura da cabeça da mulher, trouxera taes complicações que para a ciencia as resolver tivera o mercieiro de alargar excepcionalmente os cordões á bolsa.

Em boa verdade elle nunca se persuadiu de que a cabeça da sua mulher viesse a valer tanto.

Ia já em mais de quarenta libras a conta do pharmaceutico e a conta do medico, e, ao cabo de tanta lida, de tantas tizanas, elixires e conferencias, a cura ficara sendo um pouco problematica. Antonio Dourado éra de opinião que sua mulher não regulava bem de cabeça e que ficara depois do curativo com algum juizo de menos e algumas costuras de mais na cachola, onde nem o cabelo se atrevera a nascer, isto é, ficara defeituosa por dentro e por fóra.

O homem dava como se costuma dizer: o diabo á cavada, e já não agourava bem do final do negocio da D. Monica tendo tido um começo tão desastroso para a familia.

Elle a fallar a verdade, se bem soubesse em que se havia mettido, tinha antes comprado

alguma coisa mais do que um officio chato, assignado por qualquer enfermeiro-mór ou por quem na ausencia o substitua, e redigido pelo menos analfabeto dos seus amanuenses.

Deixemo-nos, porem, de considerações superfluas, porque tempo é já de entrarmos na descripção da tenda-barraca representada a pag. 261 do actual volume do OCCIDENTE.

(Continua)

XAVIER DA CUNHA.

## EXPOSIÇÃO NACIONAL DE MILÃO

### XVIII

Ahi temos a Primavera, grupo em marmore do famoso Barcaglia, que já se chamou aurora da vida. A figura principal eleva-se alongando os braços e abrindo a bocca como em acto de despertar, em quanto outra belleza graciosa, sentada, parece não dar ainda pela renovação que começa a operar-se. Uma linda creança parece despertar então para a vida, apoiada ás duas jovens e formando quasi como um traço de união entre ellas. É gracioso e bello o sentimento e delicada a expressão do grupo.

Ao Colação, grupo do já mencionado Gallori, é delicioso. A filha da cidade, fina, elegante, em trages de amazona, foi ver a sua ama, e encontrou a sua irmã de leite, metteu-lhe o braço, e enquanto o contraste não seja perfeito, nem talvez fosse essa a idéa do artista, porque a dama não é enfeita e rachitica, mas regularmente desenvolvida, como convinha a quem fora creada com leite que produziu uma mulher tão robusta, forma porém diversão pelo traço e expressão, e pelo modo com que a aldeoa de formas robustecidas pelo trabalho, ouve sorrindo, o que lhe diz a sua colação. A expressão é singela, e o modo de tratar o assumpto muito consciencioso.

Orphãos de mãe, de Raimundo Sereda, de Milão, é um assumpto bem visto e bem sentido. Aquella rapariga que terá dez ou doze annos, ainda mal vestida, com o ir-mosito de um anno ou dois no regaço, n'uma mão a caneca com leite, na outra a colher, assopra a colherada que ha de dar ao pequenito, que impaciente não espera e quer deitar a mão ao que a irmãsinha lhe vai dar. Inspira sentimentos encontrados de tristeza e satisfação este pequeno e bem imaginado grupo.

A mãe, magnifico grupo do escultor florentino Adriano Cecioni, é um dos mais decididos modelos da escola realista. Não ha convenções n'este grupo. Não é a dama nobre, vestida de seda, toda enfeitada, que por desfasio assentada no seu sofá, em posição artistica, recebe as caricias do filho que lhe apresenta a ama de touca e avental branco, é a mulher plebeia, bella, mas apenas vestida de camisa que lhe cahe peios hombros, o cabelo atado n'um nó, os pés mettidos em desgraçosos chinellos, que pegando no filho que a pretende agarrar e beijar, lhe furta a cara em brinquedo alegre. Nada mais bello, mais singello, mais verdadeiro. O povo tambem tem os seus praser-s e estes são os mais perfeitos, e o artista teve um alto senso copiando-o do vivo, porque só assim se produz obra de similitante cunho.

O primeiro e mais importante impulso dado á unida-de italiana veio de Napoleão III: o fogo estava latente

uma corda para se enforçar, mas, como quem não sabe, é como quem não vê, o pobre do Antonio Dourado andava em tudo aquillo ás cegas, como Pilatos no Credo, cuidando que d'esse modo levaria mais facilmente a agua ao seu moinho, e chegaria a braza á sua sardinha.

E' verdade que já não andava muito macio, no tocante á embrulhada demanda de D. Monica.

Era na realidade de mais.

— Porque demonio se não compõe a senhora, dizia-lhe, e acaba por uma vez com essa chicana que serve só para dar de comer á justiça?

D. Monica respondia:

— E' um capricho.

Todo elle se ralava, fazia-se de fel e vinagre, mas por não dar o braço a torcer, calava-se.

Tantas vezes, porem, foi o cantaro á fonte até que lá ficou.

Antonio Dourado todo cheio de razão, asso-prando como quem deita os bofes pela bocca fóra, disse, negando-se abertamente a satisfazer a D. Monica certa exigencia de pecunia.

— Pois minha senhora, quem não tem dinheiro não tem caprichos, ou por outra quem não tem pé não dá coice.

D. Monica foi aos ares.

— Ora essa! nunca tal ouvi em vida minha: coices dá vossemecê, veja lá como falla.

Antonio Dourado atirando com as pernas e os braços brutalmente, respondeu de um modo sacudido.

— Ora, sabe que mais minha senhora, coices damos todos nós quando nos levantam a razão... Creio que me faço perceber...

E atirou para o sobrado um escarro nojento.

D. Monica levantou-se da sua poltrona enraivecida e colérica.

é verdade, mas foi elle quem levantou as cinzas que o cobriam. Sem elle, sem a sua resolução de auxiliar o Piemonte contra a Austria, nem talvez aquelle se tivesse lançado na lucta, ou no caso de a ter encetado, ninguém sabe que resultado colheria. Napoleão entra na Italia com o seu exercito e com este apoio os Italianos escodem os pequenos principes da Toscana, Parma etc., reduzem os estados do Papa quasi que apenas á sua capital Roma; em breve o reino de Napoles entrará na communhão italiana. Dentro em pouco apenas deixarão de fazer parte do grande estado de Italia, o Veneto e o pequeno territorio deixado ao papa. Os Italianos arden-tes não gostaram da suspensão da guerra, mas os mais sizados nunca deixaram de reconhecer o servico que aquelle imperador, para quem ainda não chegou o juizo imparcial da posteridade, fizera ao seu paiz. O grande artista Barzaghi talhou a sua estatua monumental que era uma das obras mais importantes de escultura da exposição, e á qual todos fazem devida justica.

Haveria mais a mencionar, mas falta-nos o espaço e o pouco que dissemos dá idéa da riqueza da exposição n'este ramo.

(Continua).

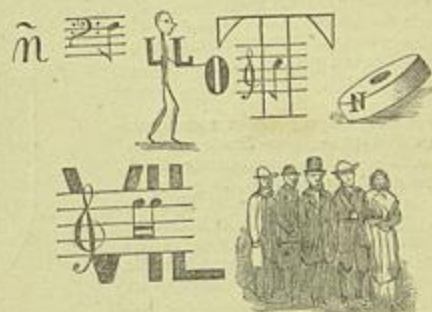
B.

## PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

MANUAL DE AGRICULTURA ELEMENTAR E PRATICA, por Paulo de Moraes, edição da livraria de M.<sup>me</sup> Marie François Lallemand, Rua do Thesouro Velho 22 — Lisboa. Com este notavel livro acaba de enriquecer-se a bibliotheca de todo o agricultor portuguez que tem a peito a

## ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Prata é o bem fallar, ouro é o bem callar.

— Ó Joanna? exclamou ella chamando a creada, traga o esfregão e venha cá depressa.

Depois voltou-se para Antonio Dourado que estava de mãos nos bolsos e ar pimpão de tambor-mór em dia de formatura:

— Bem se vê que é mercieiro... ora para a outra vez quando escarrar veja lá para aonde bota o cuspo, que isto é fazer pouco da minha casa.

Antonio Dourado enfiou.

Na verdade havia comettido uma grande indiscripção.

— Eu... eu... não faço pouco da sua casa... peço perdão... peço...

E como querendo remedear o mal feito, tirou da algibeira o seu lenço e fez menção de ir elle proprio fazer a limpeza que estava reservada ao esfregão da Joanna.

D. Monica oppoz-se.

— Deixe, deixe. A Joanna já ahi vem.

De facto entrou a Joanna e Antonio Dourado saiu de beijo caído.

Meia hora depois mandava a D. Monica um embrulhinho com a quantia que ella exigira, e muitas desculpas que patenteavam bem o grau do seu arrependimento.

Ha mulheres que fazem escarrar sangue aos homens, mas aquella fazia-lhe escarrar dinheiro.

Diz-se, que ninguém deve cuspir para o ar. Pois não é assim. Em vista do que succedeu ao pobre do homem, para o sobrado é que se não pôde cuspir.

Cara lição.

Foram só mais dez libras para a corda do sino. Que tal?!

Quando elle considerava n'isto, dava como se costuma a dizer, com a cabeça pelas paredes.

(Continua).

LEITE BASTOS.



sciencia a que se dedica. É um livro cuja publicação faz epocha no nosso paiz, pela sua grande importancia, pelos proveitosos conhecimentos que transmite á classe agricul-tora, e pelo seu valor material.

Não repetiremos louvores e encomios ao seu auctor, por-que de sobejo são conhecidos, o talento e a vasta sciencia de que dispõe em materia de agricultura, e em muitas outras, existindo provas da sua vasta erudição, que por si bastam a recomendar uma obra firmada pelo seu nome.

O illustre auctor procurou reunir n'este trabalho, todos os processos da agricultura moderna, adaptando-os ao clima e usos portuguezes; e tendo amplo conhecimento de todos os progressos em que a sciencia caminha a largos passos nos paizes estrangeiros, descreve-os com tal precisão e clareza, não deixando comtudo de ter um estylo apurimado, que o seu livro merece o apreço não só dos que se interessam pela agricultura, mas mesmo d'aquelles mais alheios a esta sciencia.

Emfim, o *Manual de Agricultura* é o livro mais completo que no seu genero ha em lingua portugueza, e os nossos agricultores tem ali um guia claro e seguro, um verdadeiro manual d'onde podem tirar vantagens incalculaveis. É um grosso volume de mais de 850 paginas, illustrado com uma numerosa serie de gravuras, representando machinas, instrumentos agricolas empregados na lavoura, plantas, animaes domesticos, etc.

Para melhor se ajuisar da belleza das gravuras que adornam este livro, publicamos uma como specimen, cujo desenho é do grande pintor animalista Annun-ciação.

A parte material do volume está á altura do seu merecimento litterario, e á livraria editora cabe um quinhão dos elogios que hade forçosamente obter aquelle trabalho, que, para a moderna agricultura portugueza, pode chamar-se um livro monumental.

NOTES SUR L'ARCHEOLOGIE PREHISTORIQUE EN PORTUGAL, par Emile de Cartailhac, d'après les travaux de M. M. Pereira da Costa, Ribeiro, Delgado, Estacio da Veiga, Sarmiento, G. Pereira, etc... Paris, typographie A. Hennuyer, rue Darcey, 7 — 1881. — 8.º de 28 pag. — Este pequeno folheto, extrahido dos Boletins da Sociedade de anthropologia de Paris, encerra a communicacão feita pelo illustre archeologo francez, director dos *Materiaux pour l'histoire primitive de l'homme*, aquella sociedade, na sua sessão de 21 de abril de 1881. De todos são conhecidos os trabalhos d'este infatigavel operario do progresso da sciencia, e como elle foi, para assim dizer, a alma do congresso de anthropologia e archeologia prehistorica, realizado em Lisboa em setembro de 1880, publicando poucos mezes depois o *Relatorio* d'essa notavel reunião, que tanta importancia scientifica teve. As notas presentes são como que um resumo d'esse relatorio, dando mais noticia dos anteriores ou posteriores, de que o illustro archeologo teve conhecimento, quer pelas publicações impressas, quer por communicacões particulares. Folgamos de mais uma vez, vêr fazer justiça aos nossos homens de sciencia, a cuja importancia parece dar-se só valor no paiz, quando um sello estrangeiro assignala os seus preciosos trabalhos, e folgaremos tambem que estas justas, mas vantajo-sas apreciações estrangeiras, os incitem a proseguir nas suas indagações tão importantes, como necessarias. Já em varios lugares do artigo—*Congresso anthropologico e litterario*, desde pag. 167 do nosso 3.º volume até pag. 207 do presente, tivemos occasião de citarmos as opiniões do sr. Cartailhac sobre este assumpto, e ali notamos aquillo em que concordavamos ou discordavamos d'ella, sendo por isso escusado repetir o aqui.

Discurso proferido pelo visconde de Sanches de Baena, vicepresidente da Real Sociedade Central de Agricultura Portugueza, no dia 10 de outubro de 1879, por occasião da abertura do Congresso pomologico na cidade do Porto... Lisboa, typo-

graphia editora de Mattos Moreira & C.ª, praça de D. Pedro, 1881. N'este discurso o sr. Visconde fazendo a apreciação da importancia das exposições, nomeadamente agricolas, refere-se, ainda que ligeiramente, a estas especies de feiras do trabalho inauguradas entre nós pelo genio previdente do Marquez de Pombal, renovadas passados mais de trinta annos por D. frei Cnetano Brandão em Braga, e passado perto de meio seculo em Lisboa em 1840 e 1844.

relação ás conclusões da monographia da *Casa dos Bicos*, mencionada no titulo. O sr. Visconde servindo-se dos documentos que encontrou no nosso riquissimo archivo nacional da Torre do Tombo, ponde resolver essas duvidas, mostrando que a descendencia directa de Affonso de Albuquerque, como a de quasi todos os nossos grandes homens das primeiras conquistas e descobrimentos, está extinta, havendo d'elle apenas representantes. Publica o sr. Visconde alguns documentos interessantes relativos á familia do grande homem, ou a pessoas que com ella parecem relacionar-se, sendo de certo o mais interessante a Carta de legitimação de Braz de Albuquerque, filho de Affonso de Albuquerque e de Joanna Vicente a 26 de fevereiro de 1506, ao qual D. Manoel, em commemoração e honra dos serviços de seu pae mandou como todos sabem mudar o nome para Affonso de Albuquerque. Não nos parece porém feliz o sr. Visconde, quando apoiado n'um obscuro genealogico quer transformar Joanna Vicente, que pôde ser africana, sem ser preta, nem moura, nem judia, em Paula Vicente, a filha do nosso celebre poeta comico Gil Vicente; julgamos difficil oppor o dito de um genealogico muito posterior ao successo, a um documento official de primeira cathogoria e que necessariamente devia ser passado á vista de outros documentos comprovativos. Haveria muitas mais considerações a fazer sobre este assumpto, mas tudo seria prematuro, antes da publicação de uma resenha documentada da familia Gil Vicente que o auctor promette, n'uma nota a pag. 34, e que ficamos aguardando com a mais viva anciedade.

REVISTA D'ETHNOLOGIA E DE GLOTTOLOGIA — estudos e notas por Adolpho Coelho, professor de sciencia de lingua-gem no curso superior de letras, fasci-culo IV—Lisboa, typographia Universal, rua dos Calafates, 110—1881. Já quando fallámos dos primeiros tres fasciculos d'esta publicação tivemos occasião de accentuar, bem que rapidamente, a importancia d'estes estudos, cujo auxilio tão momentoso é para a historia, e cuja conveniencia cresce de vulgo, quando reparamos que pelo estado actual da transformação da sociedade, se se não procedesse desde já a colligir e recolher as nossas tradições, brevemente seria esse trabalho impossivel. Cabe a gloria de ter chamado a attenção nacional para o rico veio das nossas tradições ao grande poeta Almeida Garrett, ainda que sob outro ponto de vista; depois Estacio da Veiga, Theophilo Braga, Adolpho Coelho e Consigliere Pedrosa tem concorrido, ou vae concorrendo cada um com a sua valiosa coadjuvação para formar o inventario da nossa riqueza ethnographica. Ainda ha pouco tempo um auctorisado critico hespanhol notava o atrazo em que a sua nação estava n'este ramo com relação a nós, fazendo justa menção d'aquelles nomes, a proposito da tentativa do sr. Machado para fundar na nação visinha uma associação de *Folk-lore*. N'este fasciculo da *Revista* acham-se colligidos ja muitos elementos relativos aos santos, (promessas, offerendas, coacção) ao diabo, com os seus variados nomes e lendas relativas a construcções por elle feitas e outras; ás sereias, ás fadas, olha-

rapos, papão, trasgos, fradinho da mão furada, gigantes, anões, mouras e thesouros encantados, almas penadas, lobishomens, encantamentos, benzedores, pessoas de virtude, vélores, bruxas, feiticeiros, etc., aproveitando não só a tradição oral, mas os vestigios que nos legaram os historiadores e outros escriptores, as preciosas constituições dos bispados, e até instrumentos e autos publicos, documentos tanto mais importantes, quanto mostram a extensão que essas crenças tomaram em todas as classes da sociedade. Estes estudos tem merecido e atraído a attenção do mundo scientifico, e devem merecer o favor e auxilio do publico.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

1881

Lallemant Frères, Typ.

Gravura extrahida do *Manual de Agricultura Elementar e Pratica*, por Paulo de Moraes — edição da Livraria de M.ª Marie François Lallemant, 6, Rua do Tesouro Velho, 6

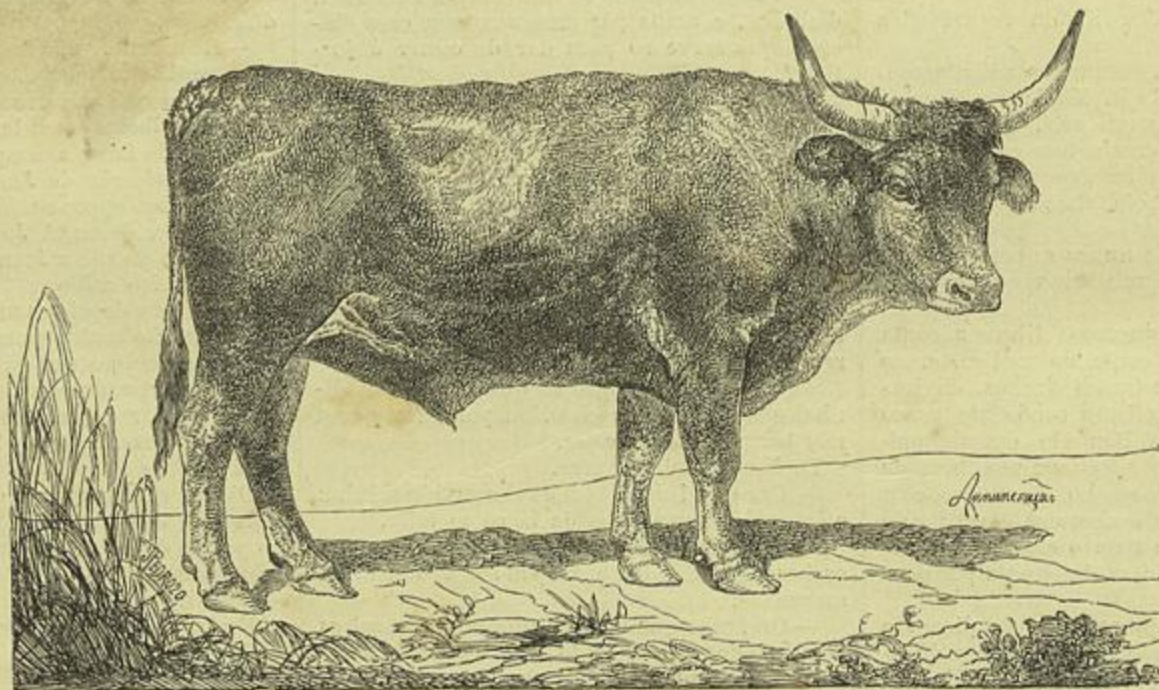


O CAPITÃO AUGUSTO ANTONIO SOARES MARTINS — Assassinado a 26 de Novembro de 1881

(Segundo uma photographia)

RESUMO HISTORICO E GENEALOGICO DO GRANDE AFFONSO DE ALBUQUERQUE, para servir de complemento á monographia publicada em 1860 no *Archivo Pittoresco sobre a Casa dos Bicos*, pelo Visconde de Sanches de Baena. — Lisboa, Typographia editora de Mattos Moreira & C.ª, 67, Praça de D. Pedro, 1881. — 8.º de 49 paginas. — Como se deprehe de das palavras dirigidas — ao leitor — na folha immediata ao rosto d'este opusculo, foi a sua publicação determinada por algumas duvidas que ao sr. Visconde dirigiu particularmente um estudioso com

da nossa riqueza ethnographica. Ainda ha pouco tempo um auctorisado critico hespanhol notava o atrazo em que a sua nação estava n'este ramo com relação a nós, fazendo justa menção d'aquelles nomes, a proposito da tentativa do sr. Machado para fundar na nação visinha uma associação de *Folk-lore*. N'este fasciculo da *Revista* acham-se colligidos ja muitos elementos relativos aos santos, (promessas, offerendas, coacção) ao diabo, com os seus variados nomes e lendas relativas a construcções por elle feitas e outras; ás sereias, ás fadas, olha-



BOI DE RAÇA AROUQUEZA (S. PEDRO DO SUL)